



LEITURAS NO EXÍLIO: MEMÓRIAS DE MILITÂNCIA E LEITURAS FEMINISTAS NO BRASIL E ARGENTINA (1960-1980)

Joana Vieira Borges¹

Proponho para esta comunicação uma breve análise sobre as trajetórias de leituras realizadas por duas mulheres, uma brasileira e uma argentina, que no contexto das ditaduras militares atuaram em organizações políticas ao mesmo tempo em que se identificaram com os movimentos feministas, e que nessa conjuntura vivenciaram situações de exílio. Mulheres que fazem parte de uma geração específica de feministas que entre as décadas de 1960 e 1980 viveram suas juventudes atuando nas universidades, em partidos políticos e/ou outros setores de militância, e que nos dias de hoje se sentem ligadas por esse passado em comum. Este é um recorte de minha pesquisa de doutorado ainda em andamento que busca pensar essas mulheres como uma “comunidade de leitoras feministas” através de suas narrativas memorialísticas sobre esse período.

Historicamente os anos de 1964 a 1989 foram expressivos na história dos movimentos sociais dos países do Cone Sul, e entre esses dos movimentos feministas, uma vez que representam o período das ditaduras militares vivenciados de maneiras e em tempos diferenciados em cada um dos países². Mesmo frente à resistência do regime militar e também de alguns setores da esquerda – que considerava as reivindicações feministas secundárias – houve nessa época tanto no Brasil como na Argentina uma grande mobilização em benefício das questões das mulheres, como a organização de grupos e eventos.

Algumas feministas brasileiras e argentinas vivenciaram experiências no exílio em outros países que viviam regimes democráticos como, por exemplo, Estados Unidos, Chile (antes do golpe de 1973), países da Europa Ocidental, e ainda em cidades no interior de seus próprios países. Outras feministas, embora não exiladas, mantiveram contato com pessoas no exílio por correspondência, ou através de mulheres que tinham a possibilidade de viajar ao exterior. Essas mulheres, a meu ver, compartilham uma mesma geração de leitoras feministas, ou seja, um grupo de pessoas de idades aproximadas e que vivenciaram, com algumas diferenças, acontecimentos em comum.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina, e bolsista do CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil. E-mail: joana_borges@hotmail.com

² Brasil (1964-1985), Argentina (os golpes se deram em 1966 e 1976, e as redemocratizações em 1973 e 1983, respectivamente), Chile (1973-1988), Paraguai (1954-1989), Uruguai (1973-1985) e Bolívia (1964-1982, com interrupções no processo ditatorial).



Minha análise parte de um acervo de entrevistas que desde 2003 vem sendo produzidas pelas professoras Joana Maria Pedro e Cristina Scheibe Wolff para o desenvolvimento de suas pesquisas, das quais participo junto a outras(os) estudantes. Através dos relatos, venho dedicando atenção especial aos momentos em que os textos lidos na época e os sentidos extraídos das leituras que são rememorados no presente, observando os processos de constituição das entrevistadas como leitoras feministas no interior dos relatos sobre um contexto singular em suas vidas.

Alejandra Ciriza, feminista argentina, nasceu em 23 de setembro de 1956 em Mendoza, onde atualmente é professora de Filosofia da Universidad Nacional de Cuyo e pesquisadora do CONICET – Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas. Em entrevistas concedidas em 2006 e 2009, Ciriza narra que a militância no PRT – Partido Revolucionário de los Trabajadores começou precocemente aos 16 anos de idade, em 1972³. Nesse momento, vivia em Córdoba com sua família e tinha fácil acesso aos livros, inclusive através das bibliotecas de parentes próximos. A influência familiar em relação a leitura é recorrente em vários momentos de sua fala. Ciriza enfatiza dois fatores importantes para a sua formação como leitora: a militância política e o contato com as mulheres de sua família. A avó materna, por exemplo, é figura marcante nas duas entrevistas que concedeu e ainda em um artigo que publicou recentemente⁴.

Era feminista (...) por uma série de coisas, que entre outras coisas tem a ver com o fato do meu pai ter sido militar e eu passar a vida me revoltando. Eu era muito precoce desse ponto de vista; era muito madura (...). Eu tive uma avó materna que ficou viúva muito jovem e era independente. Ela era independente e assim nos queria também, por isso todas as suas netas foram feministas. Então, quando eu comecei a militar nas organizações de esquerda eu já era feminista, e o primeiro que me ocorreu foi começar a revisar Alexandra Kollontai⁵ para levar as ideias às tradicionais reuniões de célula”⁶.

Alejandra Ciriza estudou Filosofia na Universidad Nacional de Córdoba até o ano de 1975, ou seja, durante o período de redemocratização na Argentina, em um momento turbulento e de transição democrática frágil. Perón morreu em julho de 1974, e meses depois se iniciou a perseguição aos Montoneros, grupo armado da Juventude Peronista⁷. Neste momento, o “sonho da Argentina peronista” chegava ao fim após muitos embates e dava lugar a um violento período de

³ Ciriza narra que nesta época colaborava nas discussões dos combatentes, redigia panfletos, ajudava a organizar atos e visitar operários. CIRIZA, Alejandra; LLAVER, Nora. Argentina: 27 out. 2006. Entrevista concedida a Cristina Scheibe Wolff e transcrita por Veridiana Bertelli Ferreira de Oliveira Ferreira de Oliveira. Acervo LEGH/UFSC.

⁴ CIRIZA, Alejandra. Memoria, Experiencia Política y Testimonio. In: PEDRO, Joana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe (Org.). *Gênero, feminismos e ditaduras no Cone Sul*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2010, p. 257.

⁵ Alexandra Kollontai (1872-1952) foi revolucionária russa e teórica e crítica do marxismo que atuou junto às mulheres operárias. Entre seus escritos estão *A nova mulher e a moral sexual*; *A sociedade e a maternidade*; *A mulher moderna e a classe trabalhadora*; *Comunismo e Família*, entre outros.

⁶ CIRIZA, Alejandra; LLAVER, Nora. Argentina: 27 out. 2006. *Entrevista Citada*.

⁷ FAUSTO, Boris; DEVOTO, Fernando J. *Brasil e Argentina: um ensaio de história comparada (1850-2002)*. São Paulo: Ed. 34, 2004, p. 413.



intervenção militar no país⁸. A partir de 1975 as duas maiores organizações guerrilheiras argentinas, o ERP – Ejército Revolucionario del Pueblo – e os Montoneros intensificaram a “militarização” de suas ações.⁹ Em 1977, portanto logo após o golpe de 24 de março de 1976, que levou ao poder o General Videla, a perseguição aos opositores do regime aumentou e o momento político tornou-se cada vez mais violento.

Conforme Ciriza, as atividades no PRT foram se “esgotando” e se convertendo progressivamente a uma função de intendência do ERP¹⁰. Sua situação de militante tornou-se delicada. Se por um lado o fato de seu pai ser um oficial do Exército agravava sua condição, por outro, diz ela: “oferecia uma segurança enorme para os companheiros e companheiras que podiam se esconder na minha casa”¹¹. Diante dessa situação, a família se mudou de Córdoba para Mendonza e Ciriza passou um longo período de exílio dentro da casa dos pais, grávida de seu primeiro filho, durante o ano de 1976. Foi então que, “fora de circulação” e com severas restrições de seu pai para poder fazer qualquer coisa de ordem pública, dedicou-se ainda mais às leituras. Ciriza narra sobre o período:

(...) um tempo de muitas leituras, especialmente as vinculadas ao profissional. Uma época em que o único texto feminista que li foi o texto de Mary Wollstonecraft¹² (...). Essa também foi uma leitura solitária, uma leitura que tem mais a ver com a busca de uma filósofa. Foi uma leitura que não foi compartilhada por ninguém, nem com minha irmã, porque neste momento minha irmã havia ficado em Córdoba e eu vivia em Mendonza, minha outra prima vivia em Córdoba ainda, e a outra vivia em San Luis. Foi uma leitura muito solitária, e foi na época em que se cortaram os vínculos. Era ler sozinha, sem ninguém pra trocar¹³.

O livro *Em defesa dos direitos da mulher*, escrito por Mary Wollstonecraft em 1792, foi “comprado casualmente” por Ciriza em uma livraria no ano de 1975 e lido aproximadamente em 1978. “Quando descobri este texto”, diz, “não podia crer, porque este texto escrito no século XVIII dizia coisas sobre nós, sobre as mulheres, sobre o modo como somos tratadas em razão dos nossos corpos que me pareceram realmente muito impressionantes (...)”¹⁴.

⁸ Cf. NOVARO, Marcos; PALERMO, Vicente. *A Ditadura Militar Argentina 1976-1983: Do Golpe de Estado à Restauração Democrática*. Trad. Alexandra de Mello e Silva. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

⁹ Os Montoneros atuaram principalmente entre os anos de 1970 e 1979, desenvolvendo atividades militarizadas de guerrilha urbana. O ERP, formado como extensão armada do Partido Revolucionário dos Trabalhadores, foi um grupo menor que os Montoneros, mas também militarizado. Ver, a esse respeito, WOLFF, Cristina Scheibe. Feminismo e configurações de gênero na guerrilha. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, ANPUH, vol. 27, nº 54, p.19-38, jul.-dez. 2007 (Semestral), p. 22.

¹⁰ CIRIZA, Alejandra; LLAVÉR, Nora. Argentina: 27 out. 2006. *Entrevista Citada*.

¹¹ Ibid.

¹² Mary Wollstonecraft (1759-1797), escritora inglesa, autora de *A vindication of the Rights of woman* (1792). No Brasil, Nísia Floresta fez uma adaptação e tradução livre do texto, publicado em 1822 sob o título *Direitos das mulheres e Injustiças dos homens*.

¹³ CIRIZA, Alejandra. Florianópolis: 05 mai. 2009. Entrevista concedida a Joana Vieira Borges e Maise Caroline Zucco, e transcrita por Joana Vieira Borges.

¹⁴ Ibid.



O livro de Mary Wollstonecraft não foi o único texto que Ciriza considera como uma leitura feminista realizada nesta época de exílio, aqui compreendido não por seu viés do deslocamento físico de pertencimento a um lugar, mas como um isolamento emocional, interior¹⁵. Ciriza cita ainda outros textos lidos durante 1976, destacando diferentes versões de *Antígona*.

Ainda em relação às leituras realizadas durante a década de 1970, Ciriza distingue o que para ela seriam dois tipos diferentes em sua prática de leitura: os “textos de combate”, lidos e discutidos em grupos, e as “leituras mais individuais”, realizadas de forma “solitária”. Nesse sentido, afirma que a leitura de Engels foi uma leitura “primeiramente solitária, mas depois compartilhada e discutida muitas vezes”, com companheiros e companheiras de militância política, no intuito de demonstrar que “nos clássicos do marxismo havia uma preocupação com as mulheres e que está na interpretação”¹⁶. Do mesmo modo, a leitura de Alexandra Kollontai também foi realizada em grupo, e caracterizada como um dos “textos de combate”, ligados à prática política.

Em contraposição a essas leituras, fala sobre as “leituras mais privadas”, como os textos de Simone de Beauvoir¹⁷, que eram ligadas à discussão com a irmã e as primas.

O que se passa em relação a Simone de Beauvoir é uma relação totalmente distinta, e uma leitura absolutamente individual (...), de uma leitura que podia explicar a subordinação das mulheres. E o texto de Simone de Beauvoir, por exemplo, *O segundo sexo* (...) é que não é um texto no sentido de compartilhar. Não é um texto de combate. Salvo a última parte da construção onde ela evoca a solidariedade. É um texto mais erudito¹⁸.

Através de sua narrativa podemos supor, por exemplo, como se deu a circulação dos textos de Simone de Beauvoir entre as mulheres da família durante a década de 1970. Uma prima lhe emprestou *A convidada* (1943), na mesma época em que estava lendo e discutindo com a irmã *A mulher desiludida* (1967), ambos de Simone de Beauvoir. Margareth Mead¹⁹ também é uma das autoras citadas entre as leituras que Ciriza remete ao âmbito familiar: “(...) da mesma maneira que de Beauvoir, Margareth Mead permaneceu num espaço distinto, um espaço menor (...), mais vinculado com as mulheres mais próximas e mais amadas de minha vida”²⁰.

Através da narrativa de Alejandra Ciriza sobre suas leituras no período da ditadura militar observamos que suas memórias desse momento são marcadas pela juventude de estudante e

¹⁵ Cf. GUILLÉN, Claudio. *O sol dos desterrados: literatura e exílio*. Trad. Maria Fernanda Abreu. Lisboa: Editorial Teorema, 2005, p. 138.

¹⁶ CIRIZA, Alejandra. Florianópolis: 05 mai. 2009. *Entrevista Citada*.

¹⁷ Simone de Beauvoir (1908-1986), escritora francesa e filósofa existencialista que se identificou como feminista na década de 1970. Autora do ensaio *O segundo Sexo* (1949), e de romances como *A convidada* (1943), *Os Mandarins* (1954), *A mulher desiludida* (1967), entre outros.

¹⁸ CIRIZA, Alejandra. Florianópolis: 05 mai. 2009. *Entrevista Citada*.

¹⁹ Margareth Mead (1901-1978), antropóloga norte-americana autora de *Macho e Fêmea* (1949) e *Sexo e Temperamento* (1935), entre outros.

²⁰ CIRIZA, Alejandra. Florianópolis: 05 mai. 2009. *Entrevista Citada*.



militante política com acesso relativamente fácil à leitura e à educação superior. Com uma ligação forte com os parentes mais próximos sua fala nos indica que suas influências intelectuais, políticas e feministas partiam, sobretudo, das intrínsecas relações que mantinha com o núcleo familiar, e que foram severamente rompidas no ano de 1976, “época em que se cortaram os vínculos”.

Em entrevista concedida a professora Joana Maria Pedro em novembro de 2005 em Paris, a feminista brasileira Ângela Xavier de Brito²¹ narra que foi criada no Rio de Janeiro em uma casa ampla na companhia dos pais, irmãos, avó, tios (as), e primos (as) e que a família lhe propiciou os primeiros contatos intelectuais, tanto por figuras como a do avô materno²² – tradutor de francês, professor e poeta –, quanto pelo acesso a Notre Dame de Sion, escola católica de tradição francesa onde estudou até ingressar no ensino superior.

Sua aproximação com a militância política aconteceu na época em que estava na universidade, início da década de 1960, cursando Sociologia na PUC – Pontífice Universidade Católica no Rio de Janeiro. Nesse momento, Ângela conta que começou a participar das assembleias estudantis e ingressou na AP – Ação Popular, mesmo sabendo que esta escolha não seria apoiada pelos pais. Suas atividades na AP, segundo conta, estavam vinculadas à formação de militantes com leituras e discussões de textos, até que em março de 1964 foram interrompidas pelo início da ditadura militar. Com o passar do tempo, conta que saiu do movimento estudantil para participar do movimento operário, realizando sempre o mesmo tipo de atividade: grupo de estudos e conscientização. Ao longo da narrativa de Ângela sobre sua militância, tanto política quanto feminista, observamos que suas atividades sempre estiveram intrinsecamente ligadas às leituras e discussões em grupo.

Em 1968, Ângela foi presa pelo período de dois meses por conta das atividades que desenvolvia na militância. Em dezembro do mesmo ano entra em vigor o Ato Institucional N.º 5 (AI-5) e pouco tempo depois Ângela e seu marido tornaram-se procurados pela polícia e, por esta razão, entram para a clandestinidade.

Em 1969, Ângela conta que foi presa novamente, e desta vez ficou um ano e meio reclusa na Vila Militar do Rio de Janeiro, sendo que quatro meses em uma cela solitária, diz: “(...) os caras tinham uns oficiais interessantes, me passaram uma lanterna e uns livros”²³. A leitura, por vezes proibida, consentida, ou clandestina – tanto na narrativa de Alejandra Ciriza como no de Ângela

²¹ BRITO, Ângela Xavier. Paris: 28 nov. 2005. Entrevista concedida a Joana Maria Pedro, transcrita por Juliano Malinverni e Veridiana Bertelli Ferreira de Oliveira de Oliveira, e revisada por Maria Cristina Athayde.

²² Refere-se a Carlos Porto Carneiro, tradutor de *Cyrano de Bergerac* e *L'aiglon*, ambos os textos de Edmond Rostand, entre outros.

²³ BRITO, Ângela Xavier. Paris: 28 nov. 2005. *Entrevista Citada*.



Xavier Brito – tornou-se um mecanismo de entretenimento e resistência nas adversidades e nos casos de isolamento.

A: (...) depois de um certo tempo eles (os oficiais) levaram uma luz para a cela. Não fiquei os 4 meses na escuridão completa. Começaram a me levar uma lanterninha. Eu lia de noite, botava embaixo do colchão e lembro até hoje, eu li *O jogo das contas de vidro*, do Hermann Hesse²⁴.

JMP: E eles te levavam livros?

A: Tinha um cara lá que me passava livros clandestinamente.²⁵

Ao ser liberta em 1971, Ângela conta que foi para a casa dos pais do marido na Paraíba, em João Pessoa, e que ficou proibida de sair do Brasil, pois estava respondendo a processo aberto pelo regime militar. Contudo, algum tempo depois, refugiou-se na Argentina e, posteriormente no Chile, antes do golpe ao governo de Salvador Allende em 11 de setembro de 1973.

Na narrativa de Ângela o Chile aparece como o país onde seus primeiros contatos com os movimentos organizados por mulheres foram realizados. Segundo conta, Zuleika Alambert²⁶ a convidou para que participasse de um grupo de mulheres brasileiras no Chile que estava se organizando para discutir temas como: serviço doméstico, dupla jornada de trabalho, além dos fundamentos teóricos da opressão das mulheres, etc. Esse grupo era o Comitê de Mulheres Brasileiras no Exterior.

Bebel²⁷, não. Engels. Basicamente Engels. Inclusive a Zuleika, eu lembro disso, ela dizendo que o único artigo teórico que ela tinha lido sobre a opressão feminina era o do Engels. Mas era um texto que pouca gente tinha lido (...), mas esse grupo de 72, 73, se reunia no Chile muito irregularmente, não era uma coisa muito regular.²⁸

Assim como na memória de Alejandra Ciriza sobre este período, a leitura de Engels aparece na fala de Ângela como um teórico que, para além da análise sobre a formação da sociedade a partir dos pressupostos do materialismo histórico, serviu à reflexão sobre a “condição das mulheres”. Essa leitura reunia a dupla reflexão e militância, questão presente no testemunho de outras feministas, o que na prática muitas passariam a vivenciar entre os movimentos de esquerda e os feminismos. Entretanto, posteriormente, a análise empreendida por Engels recebeu críticas por ser considerada uma reflexão limitada apenas aos fatores econômicos²⁹.

²⁴ Hermann Hesse (1877-1962) escritor alemão, prêmio Nobel de Literatura em 1946, e autor do romance utópico *O jogo das contas de vidro* (1943), entre outros.

²⁵ BRITO, Ângela Xavier. Paris: 28 nov. 2005. *Entrevista Citada*.

²⁶ Zuleika Alambert, militante marxista brasileira que refletiu sobre as questões feministas e as publicou em *Feminismo: o ponto de vista marxista* (1986).

²⁷ Refere-se a August Bebel (1840-1913), autor do livro *A Mulher e o Socialismo* (1885).

²⁸ BRITO, Ângela Xavier. Paris: 28 nov. 2005. *Entrevista Citada*.

²⁹ Em *O segundo sexo* (1949), por exemplo, Simone de Beauvoir critica o materialismo histórico por não fornecer soluções a problemas que vão além dos fatores puramente econômicos, como, por exemplo, a constatação de que a divisão do trabalho confina a mulher nos afazeres domésticos enquanto o direito a propriedade é repassado de pai para filho.



Ângela relata que o grupo formado no Chile funcionava como um “grupo de estudos” com mulheres que desejavam se mobilizar politicamente nas questões relativas às mulheres, mas que ainda não se identificavam como feministas.

Além deste grupo formado por Zuleika Alambert, Ângela fez parte ainda de um “grupo de conscientização” que foi organizado por uma brasileira que tinha vindo dos Estados Unidos e que havia conhecido o feminismo norte-americano, cujo nome não foi identificado pela entrevistada. Segundo conta, era um grupo bastante heterogêneo, formado por latino-americanas, algumas delas trabalhavam na Quimantú, editora do Estado na época do governo de Allende, e que foi destruída por Augusto Pinochet durante o regime militar³⁰.

Podemos observar nas memórias de Ângela uma relação constante com as esferas da produção e circulação de conhecimento, através da atividade de tradutora e das relações de amizade que mantinha com pessoas ligadas às editoras. Além disso, “o livro como a maldição das ditaduras”³¹, e a percepção da leitura como uma ameaça aos regimes militares, e que, portanto, precisava ser combatida, aparece em diferentes momentos de sua memória, assim como na lembrança de outras feministas sobre a destruição de livros, jornais e editoras. Presa pela ditadura chilena em 1973, Ângela narra o ato da queima de seus livros pelos agentes da repressão:

(...) no dia seguinte foi a coisa mais dolorosa. Fomos obrigados a levar todos os nossos livros. Eu tinha acabado de ganhar uma biblioteca de sociologia em inglês de um amigo meu, e vi aquilo tudo queimar. Eles fizeram uma fogueira, e o único livro que eu consegui salvar foi um exemplar da Cecília Meirelles que era uma edição Aguilar da Cecília Meirelles. Falei “esse ninguém queima!” e consegui arrancar. Quase que me bati com um cara lá. Acabei ficando com ele o tempo inteiro.³²

Depois da prisão o período no Chile durou pouco. Um comitê internacional da ONU conseguiu um avião para retirar os estrangeiros do Chile e levá-los à França. Ângela acrescenta que ela e mais cerca de cinquenta pessoas chegaram a Paris e foram levados para uma espécie de “albergue”. Por conta da fluência na língua francesa, conseguiu emprego em dezembro de 1973, ou seja, apenas um mês após sua chegada.

Em meados dos anos 1970, Ângela narra que soube da existência do Círculo de Mulheres em Paris³³, e passou a participar uma vez por semana de um grupo de consciência, que era uma estrutura menor do Círculo”. Conta que se entusiasmou bastante com as discussões e com o que lia

³⁰ Cf. BAEZ, Fernando. *História Universal da destruição dos livros: das tábuas sumérias à guerra do Iraque*. Trad. Leo Schlafman Rio de Janeiro: Ediouro, 2006, p. 283-284.

³¹ MANGUEL, Alberto. Uma história da leitura. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.p. 315.

³² BRITO, Ângela Xavier. Paris: 28 nov. 2005. *Entrevista Citada*.

³³ Formado por feministas de esquerda e mulheres autônomas que haviam se exilado na França após a instalação da ditadura militar no Brasil Cf. LEITE, Rosalina de Santa Cruz. Brasil Mulher e Nós Mulheres: Origens da Imprensa Feminista Brasileira. *Estudos Feministas*, v. 11, n.1, p. 234-241, 2003.



em casa após os encontros do grupo. Questionada sobre as leituras deste momento no Círculo, responde:

Eu lia aquela literatura da época, Juliet Mitchell, que era obrigado. Adrienne Rich (...) aquele livro que era um clássico da literatura feminina, *A História do Feminismo Francês*, Andrée Michel³⁴, que estava começando os estudos sobre as mulheres (...). Christine Delphy³⁵, *O inimigo principal* e outros (...). Tinha uma grande biblioteca feminista da qual eu me desfiz há pouco tempo. Eu dei para a Bibliothèque Marguerite Durand³⁶ (...). Eles estão com todos os meus documentos do Círculo; dei tudo para eles (...). Tinha uma coleção enorme daquela revista feminista americana *Signs*³⁷. Eu tinha assinatura da *Signs*.³⁸

O emprego da palavra “obviamente” nos ilustra um dos significados possíveis atribuídos à sua leitura dos textos de Simone de Beauvoir. Embora não reflita detidamente sobre os sentidos das leituras que está elencando em sua fala, é a qualificação do “obrigado” ao texto de Juliet Mitchell e de uma leitura “clássica” ao texto de Adrienne Rich³⁹ que iremos nos ater para pensar os sentidos que estão sendo atribuídos a esses textos.

Quando Ângela se refere à “leitura obrigatória” e ao que considera um “clássico”, está selecionando autoras e textos que, para ela, são os referenciais básicos para a compreensão das prerrogativas feministas daquele momento, ou seja, validando determinadas leituras como capitais para o entendimento do feminismo. Ângela delineia o que segundo ela, não poderia deixar de ser lido neste período, embora a leitura de algumas das autoras citadas não apareça na fala de outras entrevistadas, como é o caso da referência à Adrienne Rich. Livros que, junto a outros, possivelmente não tão emblemáticos em sua opinião, foram adquiridos ao longo de sua trajetória, para formar sua “grande biblioteca feminista”.

A: (...) John Stuart Mill⁴⁰ sobre o feminismo eu li quando eu tinha 12 anos.

JMP: Mas isso não te balançou?

A: *O segundo sexo* me impressionou muito.

JMP: Tu lestes *O segundo sexo* quando?

A: Li *O segundo sexo* quando eu (...) estava no segundo ou terceiro clássico, devia ter 18 para 19 anos. Eu li *O segundo sexo* inteiro.

JMP: Isso te impressionou?

A: Muito, muito. Eu achei fantástico o que a Simone de Beauvoir tinha coragem de dizer. Eu sempre li muito (...) tudo o que me passava na mão eu li. Então eu devo ter lido outras coisas que podia ter influência feminista... o que mais eu posso lembrar. (...). Eu não sei quando começou, eu sei que sou feminista até hoje. Eu me considero feminista, não sei propriamente quando começou isso.⁴¹

³⁴ Andrée Michel é socióloga e militante feminista, autora de *O Feminismo: uma abordagem histórica*, publicado no Brasil em 1982, pela Editora Zahar, São Paulo.

³⁵ Christine Delphy é socióloga e feminista francesa contemporânea, autora de *L'Ennemi principal* (1970), onde articulou marxismo e feminismo na crítica ao patriarcado. Participou em 1968 de um dos grupos formadores do MLF - Mouvement de Libération des Femmes, na França.

³⁶ Bibliothèque Marguerite Durand, em Paris, especializada em documentação sobre mulheres e feminismo.

³⁷ *Signs: A Journal of Women in Culture and Society* foi criada em 1975 e publicada pela Chicago University Press.

³⁸ BRITO, Ângela Xavier. Paris: 28 nov. 2005. *Entrevista Citada*.

³⁹ Adrienne Cecile Rich (1929) é uma escritora feminista, poeta e professora norte-americana, autora de *Of Woman Born: Motherhood as Experience and Institution* (1976).

⁴⁰ John Stuart Mill (1806-1873), filósofo e economista inglês, autor de *A sujeição das mulheres* (1869), entre outros.

⁴¹ BRITO, Ângela Xavier. Paris: 28 nov. 2005. *Entrevista Citada*.



O segundo sexo lido na juventude, assim como para outras feministas entrevistadas, é apresentado como um texto impactante, da qual ela faz questão de frisar que leu “inteiro”. Neste ponto podemos pensar que, ao fazer referência à leitura total do livro Ângela quis mostrar que o texto a envolveu de tal modo que a fez terminá-lo integralmente, superando a complexidade das teses levantadas por Beauvoir, relatada como um entrave por outras entrevistadas⁴². Outro motivo possível seria ainda para negar uma acusação comum de que o entendimento tivesse se dado apenas pelo conteúdo da “orelha” do livro ou de suas primeiras páginas. Além disso, ressalta que o impacto da leitura estaria marcado pela admiração à “coragem” da autora francesa: “Eu achei fantástico o que a Simone de Beauvoir tinha coragem de dizer”.

Mesmo a leitura não sendo o cerne central da entrevista com Ângela, no momento em que é questionada sobre quando teria ocorrido sua identificação como feminista, vimos que a entrevistada recorre a um repertório de textos em sua memória, procurando um momento de identificação em suas leituras da juventude. Ou seja, a leitura é eleita por Ângela como fator relevante em sua identificação, como algo que mereça ser destacado na narrativa de sua trajetória.

Os testemunhos de Alejandra Ciriza e Ângela Xavier de Brito nos permitem esboçar algumas considerações no intuito de observá-las como pertencentes a uma mesma comunidade de leitoras argentinas em suas aproximações e distanciamentos. Ciriza, grávida aos vinte anos, narra seu exílio dentro do país, mais especificamente na casa dos pais. Um momento em que os laços e as trocas de leituras até então de fácil acesso e mantidas com as mulheres da família se dissolvem, provocando uma ruptura; um período de intenso isolamento emocional. O texto lido nessa época, *Em defesa dos direitos da mulher*, é rememorado como uma leitura feminista realizada de maneira privada; “solitária”. A narrativa de Ângela nos indica o exílio que ultrapassa as fronteiras territoriais do país, e um momento em que muitas leituras foram realizadas e discutidas em grupo.

Vimos que os feminismos não foram dados a ler da mesma forma pelas feministas entrevistadas, apesar das aproximações nos momentos vivenciados pelas ditaduras militares em ambos os países. Ambas tiveram acesso à educação superior, aos livros, e a espaços onde puderam debater suas leituras, entretanto, suas trajetórias e experiências nos mostram práticas de leituras diferenciadas. Ângela comenta que foi durante o exílio no Chile, no início da década de 1970, onde percebeu que, em suas palavras “esse negócio de mulher já estava mexendo com a gente”⁴³, ou seja,

⁴² Suely Gomes da Costa, Maria Ignez Paulilo e Alda Britto da Motta, por exemplo, caracterizam suas leituras de *O segundo sexo* como “muito cerebral”. “intelectual demais”, e “psicanalítica demais”. Cf. BORGES, Joana Vieira. *Op. Cit.*

⁴³ BRITO, Ângela Xavier. Paris: 28 nov. 2005. *Entrevista Citada.*



que já havia uma “necessidade” das mulheres se organizarem em grupos e instrumentalizarem suas questões através de leituras que eram compartilhadas. Já para Alejandra, o feminismo surge da influência familiar e da discussão das leituras com companheiros e companheiras da militância, primas e irmãs.

As feministas entrevistadas, ao compartilharem lembranças que compõem uma memória em comum, buscam sinalizar leituras que lhes pareçam coerentes aos contextos a que se propuseram narrar, e ainda que sejam legítimas às suas constituições como leitoras feministas. Alejandra e Ângela estavam ligadas à militância política de oposição às ditaduras e buscaram conciliar o debate feminista nesse processo. Percebemos um interesse em citar leituras que se aproximassem do pensamento de esquerda, e a referência a Engels, Juliet Mitchell e Alexandra Kollontai são exemplos dessa tendência. Suas narrativas sobre os momentos de isolamento nesse período se assemelham, e as leituras são apresentadas como uma prática de resistência e de importância vital nos momentos adversos. Concomitante a esses contextos mais amplos, há igualmente suas histórias individuais, que agem decisivamente nas lembranças sobre as leituras e na imagem de leitoras que pretendem produzir.

O que se configuram são trajetórias que extrapolam o contexto histórico em suas singularidades. No entanto, isso não as distancia de uma mesma comunidade de leitoras, e não as exclui de uma geração de feministas que compartilharam uma série de leituras em suas formações e identificações, traçando os contornos de uma biblioteca de textos feministas.

Bibliografia

BAEZ, Fernando. *História Universal da destruição dos livros: das tábuas sumérias à guerra do Iraque*. Trad. Leo Schlafman Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

CIRIZA, Alejandra. Memoria, Experiencia Política y Testimonio. In: PEDRO, Joana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe (Org.). *Gênero, feminismos e ditaduras no Cone Sul*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2009.

FAUSTO, Boris; DEVOTO, Fernando J. *Brasil e Argentina: um ensaio de história comparada (1850-2002)*. São Paulo: Ed. 34, 2004.

GUILLÉN, Claudio. *O sol dos desterrados: literatura e exílio*. Trad. Maria Fernanda Abreu. Lisboa: Editorial Teorema, 2005, p. 138.

LEITE, Rosalina de Santa Cruz. Brasil Mulher e Nós Mulheres: Origens da Imprensa Feminista Brasileira. *Estudos Feministas*, v. 11, n.1, p. 234-241, 2003.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.



NOVARO, Marcos; PALERMO, Vicente. *A Ditadura Militar Argentina 1976-1983: Do Golpe de Estado à Restauração Democrática*. Trad. Alexandra de Mello e Silva. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

WOLFF, Cristina Scheibe. Feminismo e configurações de gênero na guerrilha. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, ANPUH, vol. 27, nº 54, p.19-38, jul.-dez. 2007 (Semestral).